

## **Modos de fazer um lugar Timbó: A produção de sentidos sobre uma comunidade urbana na cidade de João Pessoa-PB<sup>1</sup>**

Williane Juvêncio Pontes (UFPB/Paraíba)

Pertença; Lugar; Plataformas digitais

Resumo: Os modos de fazer cidade encontram complexificação com a emergência do digital no cotidiano dos cidadãos, contribuindo para a produção de formas de ser e estar no urbano, bem como na construção de espaços para diversas práticas, usos e sentidos. Como pensar o processo de construção e as representações de um espaço ermo transformado em lugar de moradia e pertencimento, resultado do ajustamento de códigos morais-emotivos e de projetos individuais e coletivos agenciados através de disputas e alianças, apoiando-se no entrecruzamento do digital e do presencial? Busca-se analisar um espaço urbano e sua fabricação enquanto lugar, fruto de uma produção simbólica, apoiando-se nas interações presenciais e digitais na configuração em torno do imaginário social sobre a Comunidade do Timbó, situada na zona sul da cidade de João Pessoa-PB. Para isso, a reflexão se apoia no trabalho de campo presencial – com observação participante, conversas informais e entrevistas com os moradores – e digital – acompanhando os perfis no Instagram cujo conteúdo vincula-se ao Timbó.

### **Introdução**

A cigarra apita assim que o transporte coletivo entra na Rua Abelardo Pereira dos Santos, salto na primeira parada, próximo ao cruzamento com a Rua Travessa São Paulo, cumprimentos são trocados com aqueles que encontro pelo caminho. Mais um dia de campo se inicia, a partir das 6 horas o fluxo de pessoas saindo da Comunidade do Timbó é significativo e aumenta gradualmente conforme transcorre as horas. Até às 8h30min é possível observar os pontos de ônibus frequentemente enchendo e esvaziando com passageiros conforme circulam as duas linhas de transporte coletivo que atendem a localidade.

Sobem mais passageiros do que descem nas paradas dispostas na Rua Abelardo Pereira do Santos, a principal da comunidade e importante via de acesso entre as zonas sul, onde se situa o Timbó, e leste, onde localizam-se os bairros mais nobres. Mas há também os que utilizam veículos próprios como bicicletas, carros e, principalmente,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

motos para circular pela cidade, ir ao trabalho, a universidade ou a qualquer outro local. Nesse trânsito se mesclam os transeuntes que levam as crianças aos Centros de Referência em Educação Infantil (CREIs) ou as crianças, os adolescentes e os jovens em direção as escolas, instalações nas proximidades, no bairro dos Bancários.

O cenário é complementado pelos que transitam na própria rua para abrir o comércio, em sua maioria pequenos negócios, mas também médios e grandes estabelecimentos. Nem todos são de proprietários que moram na comunidade, mas os mais antigos são, enquanto os maiores, como um supermercado, são mais recentes e produto do processo de valorização imobiliária pela qual passa a localidade. Novos comércios e prédios residenciais vão sendo construídos e se inteirando a paisagem circunvizinha ao Timbó, que é acessado pelos demais habitantes, sobretudo, de passagem pela rua principal.

Rua essa que permanece movimentada durante todo o dia, com maiores ou menos fluxos de veículos e transeuntes conforme se formam os horários de pico – nos inícios das manhãs, das tardes e das noites. Nos demais horários do dia, a constância é dos moradores que se reúnem em alguns estabelecimentos comerciais para conversar com os amigos e conhecidos, exercendo a sociabilidade ao ir consumir algo ou ao buscar o encontro com o outro, próximo. Esse cenário observado, que se repete durante os dias, geralmente não é apreendido como parte da comunidade, mas sim do bairro, visto as narrativas de onde começa e termina o Timbó, tanto pelos moradores quanto pelos não moradores.

A Comunidade do Timbó, universo analítico, se situa no bairro dos Bancários, zona sul da capital paraibana, e é apreendida na cidade sob a ótica da suspeita e do receio (Soares, 2009; Pita, 2012; Araújo, 2014). Durante seu processo de desenvolvimento, foi comumente associada a sentidos negativos que estigmatizam o lugar e aqueles que pertencem a ele, com a propagação de imagens que retratam a comunidade e seus moradores em situações que fomentam a desconfiança, aparecendo nos jornais de notícias policiais. Quem sabe do Timbó através dos jornais locais ou por transitar nos arredores, produz um modo distanciado de apreender o lugar, assim como aqueles que residem nos Bancários e compartilham o bairro.

Manter ou não trocas relacionais com o lugar Timbó configura formas de assimilá-lo, já que “você vai lá e tá os pirralhos correndo no meio da rua, tá a galera jogando bingo, brincando, conversando, jogando dominó. Então, assim, você passa no Timbó, você não

imagina, mas quando você entra...”, afirma Thiago, um jovem morador. Conhecer ou compartilhar a dinâmica local proporciona um modo de se relacionar com o lugar que sobressai as concepções que vinculam a pobreza à violência e a suspeita, outras nuances emergem para intrinchar as maneiras como a comunidade é apreendida, principalmente com o agenciamento dos moradores em torno da produção de um imaginário sobre o lugar com a veiculação de imagens que apreendem o cotidiano sob a ótica daqueles que o vivenciam.

É um jogo comunicacional empreendido pelos moradores, os frequentadores – aqueles que não residem, mas realizam atividades no Timbó –, a mídia e a prefeitura, delineando a construção do lugar, fruto de um processo contínuo configurado por códigos morais-emotivos. O interesse, aqui, é desenvolver a reflexão de como esse jogo esculpe imaginários em torno do Timbó, com ênfase para a discussão do processo de construção do lugar, que apreende o âmbito digital na complexificação das práticas, usos e sentidos sobre a Comunidade do Timbó<sup>2</sup>.

### **Caminho teórico-metodológico**

A proposta apresenta um modo de fazer cidade (Agier, 2011) que se emaranha com a emergência do digital no cotidiano e propicia a produção de formas de ser e estar no urbano. A recente popularização dos aparelhos tecnológicos, como os smartphones, e do acesso à internet fomenta essas formas e complexifica a reflexão, que carece considerar a interconexão entre os âmbitos do presencial e do digital nas maneiras de transitar, habitar e viver. Circunstância ponderada a partir da análise da Comunidade do Timbó, que está imbuída de imaginários produzidos por diversos grupos durante o processo de construção e desenvolvimento do lugar.

Como pensar o processo de construção e as representações de um espaço urbano transformado em lugar de moradia e pertencimento, resultado do ajustamento de códigos morais-emotivos e de projetos individuais e coletivos agenciados através de disputas e alianças, apoiando-se no entrecruzamento do digital e do presencial? É o questionamento que norteia a elaboração dessa reflexão, que analisa um espaço urbano e sua fabricação enquanto lugar, fruto de uma produção simbólica, apoiando-se na continuidade entre o

---

<sup>2</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

digital e o presencial, como instâncias que constituem a vida cotidiana, para compreender os sentidos acionados sobre a Comunidade do Timbó.

Nessa direção, a análise se apoia no trabalho de campo presencial realizado no Timbó entre 2018 e 2019 e em 2023, fabricando material etnográfico mediante a observação participante, as conversas informais com os moradores, as entrevistas com moradores e frequentadores, o registro fotográfico das configurações urbanas da comunidade e a elaboração de um diário de campo para anotações da experiência da pesquisadora e para primeiras ligações teóricas, com notas sobre diálogos conceituais. Estão, assim, embasadas em incursões ao campo em diversos horários e dias, buscando contemplar espacialmente os períodos com maior movimentação de sujeitos nas ruas e calçadas, favorecendo o encontro e a conversa.

No primeiro momento do trabalho de campo presencial, a aproximação e manutenção da relação de interlocução ocorreu com os moradores mais antigos, inicialmente com o intermédio de uma líder comunitária, no período, que me introduziu na comunidade e apresentou alguns moradores, e depois com a elaboração de maneiras próprias para chegar-se ao outro, como a abordagem aos sujeitos dispostos nas calçadas e estabelecimentos comerciais. Em ambas as formas, a técnica da bola de neve foi fundamental para construir uma rede de relações com os locais e manter interlocução de pesquisa, com a aproximação ao primeiro sujeito e a manutenção do convívio proporcionando o acesso a outros contatos que participam da convivência do primeiro.

O objetivo era compreender a forma de sociabilidade em exercício no Timbó (Pontes, 2021), de modo a discutir o desenvolvimento da comunidade a partir do processo de chegada e estabelecimento dos moradores mais antigos no local (Pontes, 2020). Esse grupo de moradores contribui para a construção da discussão sobre como um lugar de moradia e pertencimento é continuamente produzido, surgindo a necessidade de incorporar os moradores jovens nessa análise para refletir sobre essa produção e manutenção. O segundo momento do trabalho de campo, em 2023, atentou-se não somente em verificar as continuidades e as modificações na configuração urbana da comunidade, mas em conservar os contatos com os interlocutores jovens dos quais me aproximei em 2022, mediante o Instagram<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Disponível como aplicativo para smartphones ou como site para acesso por computadores, é uma rede social para o compartilhamento de fotos e vídeos, que podem ser acompanhados por uma mensagem de

Cabe, assim, um adendo quanto a noção de moradores antigos e moradores jovens que colaboraram para a produção de dados etnográficos. Por moradores antigos me refiro aqueles que participaram do processo de ocupação ou acompanharam o desenvolvimento da comunidade desde o crescimento gradativo de casas e habitantes na localidade. São sujeitos, em sua maioria, com mais de 60 anos de idade (6) e outros poucos entre 40 e 50 anos (4), que residem no Timbó, em média, há mais de 20 anos, contemplando diferentes momentos de ocupação da comunidade. Majoritariamente mulheres cisgênero que chefiam suas famílias, as conversas enveredadas nos encontros ocorriam nas calçadas e nas salas das casas dessas mulheres, em variados períodos do dia, mas preferencialmente às tardes e noites, quando encontravam-se com maior disposição de tempo.

Os jovens moradores com quem se manteve relação estão entre 17 a 25 anos, são “nascido e criado” no Timbó, como afirmou Higor, um dos interlocutores, ou somente criados, experienciando a infância, adolescência e (início da) juventude na comunidade, a partir de onde vivenciam a cidade. Compõem 5 sujeitos, em sua maioria homens cisgênero, que abordam em suas reflexões formas de agenciamento político para melhorias locais, considerando como a comunidade está atualmente, sem a comparação constantemente realizada pelos moradores antigos do que foi e do que é o Timbó. São, também, aqueles que usam com maior frequência o âmbito digital e acionam as redes sociais, como o Instagram, enquanto campo para agenciar em torno do lugar de moradia.

Com os novos interlocutores surgem, também, complexificações teórico-metodológicas com a ponderação da continuidade entre o presencial e o digital na vida contemporânea, reverberando nos modos de fazer, habitar, transitar e sentir a cidade. O trabalho de campo, por exemplo, é realizado nesses dois âmbitos, interconectados, com a análise de um espaço urbano reproduzido nessa interconexão. Por isso, apesar de denominar o desenvolvimento de um trabalho de campo presencial e outro digital, que ocorre entre 2020 e 2022, essa diferenciação é posta como modo de sistematizar o caminho metodológico traçado na produção dos dados.

O trabalho que se inicia presencialmente na comunidade, passa por uma reformulação no ano de 2020, com a pandemia do novo coronavírus e a necessidade de

---

texto (legenda), com usuários que são ou não seguidores do perfil, isto é, recebem o conteúdo publicado na linha do tempo que agrega o conjunto de postagens. Se o perfil for privado, é necessária a permissão do usuário da conta para que outros possam acessar o conteúdo. Entre as ferramentas do Instagram estão, ainda, as postagens temporárias (stories) e a troca de mensagens privadas (direct).

continuidade da pesquisa. A emergência do digital é considerada como uma questão analítica a ser explorada, visto a sua identificação anterior a emergência sanitária, mas sem a devida problematização teórico-metodológica. O trabalho de campo continua com o mapeamento de perfis nas redes sociais, cujo conteúdo é vinculado à Comunidade do Timbó, sendo o Instagram a principal rede trabalhada pela frequência de uso. Sites e blogs também integram o levantamento, construindo um acervo de matérias sobre o Timbó produzidas pela mídia local, a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) e os frequentadores da comunidade, como Organizações Não Governamentais (ONGs) e figuras religiosas que atuaram no ou com os moradores do Timbó.

As elaborações da mídia são articuladas no jornal impresso, televisão e plataformas digitais, é uma instância hegemônica na constituição de um imaginário sobre a comunidade. A PMJP sistematiza produções no site oficial e em matérias na mídia, veiculando intervenções da administração pública no Timbó. São produtos de fora, daqueles que não estão inseridos e não compartilham do cotidiano local. Esse material não será explorado aqui, mas acionado através de um balanço reflexivo do seu conteúdo para indicar a existência de um imaginário sobre a comunidade que é consolidada na cidade e é produto de fora para dentro, que busca caracterizar o lugar e os seus moradores.

É esmiuçada a produção de sentidos sobre a comunidade empreendidos, principalmente, pelos moradores e pelos frequentadores, que elaboram construções consideradas como de dentro, daqueles que participam do cotidiano e possuem um vínculo com o lugar em produção. Compõem o material analisado as observações e conversas face a face desenroladas na comunidade ou em outros locais na cidade indicados pelos interlocutores – como uma escola no bairro dos Bancários e o campus da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) –, bem como o conteúdo publicado no Instagram, por meio dos perfis coletivos e de acesso público, que são abertos para qualquer usuário visualizar, interagir e compartilhar as postagens sem necessariamente seguir a conta.

O material é tecido na interconexão entre o presencial e o digital, captando situações cotidianas e acionando-as na rede social como forma de alcançar o maior número possível de sujeitos na veiculação de imagens que captam sentidos singulares sobre a comunidade e conformam a configuração de um imaginário arraigado em aspectos positivos, que contrastam com outros imaginários construídos de fora para dentro. A fabricação de sentidos e as particularidades nos engajamentos dos atores são processados nessa

interconexão, que é apreendida criativamente pelos moradores para mobilizar-se em torno do lugar de moradia e pertencimento. Isso porque o digital, conectado à internet, é um ambiente construído, não dado, e experimentado por sujeitos corporificados, cujo conteúdo é criado e incorporado no cotidiano, perpassando o digital e o presencial (Hine, 2020; Pontes e Souza, 2022).

Cabe, antes de abordar o material produzido nessa interconexão, contextualizar a Comunidade do Timbó e sua construção enquanto lugar, anterior a apreensão do âmbito digital no cotidiano dos moradores. A fabricação de um lugar de pertencimento é contínua e engloba os novos elementos acionados pelas diferentes gerações de moradores, logo, é possível identificar o processo de emergência do digital na dinâmica da comunidade e sua consolidação na forma de sociabilidade local.

### **De espaço ermo a lugar de moradia e pertença**

Conhecida em sua configuração urbana e emotiva atual, devido a aproximação ao Timbó para a realização da pesquisa de Mestrado (Pontes, 2020) e a vigente pesquisa de Tese, a comunidade tem uma extensa história que delinea o seu processo de surgimento, consolidação e desenvolvimento. Alguns aspectos dessa história são informados pela bibliografia que se debruça sobre o Timbó (Dantas, 2003; Soares, 2009; Pita, 2012; Araújo, 2014), especificamente, e que discute o crescimento da cidade de João Pessoa (Laveiri e Lavieri, 1992; Negrão et al, 2016; Dieb e Martins, 2017; Koury, 2018), de modo geral.

É, no entanto, mediante a narrativa dos moradores antigos que a discussão é enriquecida com as lembranças da chegada e da vida no local, acompanhando as mudanças que levaram a atual composição do Timbó. Uma comunidade que passa por diferentes momentos de ocupação até a sua consolidação e que experiencia a cidade a partir das margens, inicialmente de uma zona construída como periférica e que passa por um processo de valorização imobiliária que não contempla todos os espaços igualmente nesse decurso. Como, então, ocorre a constituição do lugar Timbó? Quais aspectos caracteriza esse lugar e, conseqüentemente, os seus moradores?

A Comunidade do Timbó surge de ocupações em um pedaço do Vale do Rio Timbó durante fins de 1970 e início de 1980, período em que se intensifica o projeto de crescimento da malha urbana de João Pessoa, empreendido pela política habitacional do Banco de Nacional de Habitação (BNH). O planejamento urbano em voga se beneficia

das políticas governamentais e organiza o espaço através de uma lógica capitalista da especulação imobiliária, criando áreas nobres e periféricas e funcionando como um indicativo quanto ao direcionamento do crescimento da cidade, que extrapola os limites do Centro Histórico e seus arredores.

Em direção ao leste são construídas as habitações para as camadas mais abastadas da população, consolidando a orla marítima como reduto de bairros nobres, enquanto que o caminho para o sul é conformado por conjuntos habitacionais para as camadas média e média baixa, que contemplavam a possibilidade de financiamento para a compra da casa própria. Além de contemplar, também as camadas baixas realocadas do centro para a periferia da cidade, visto a distância em relação ao centro, a precária infraestrutura, a pouca disponibilidade de equipamentos e serviços públicos e a dificuldade de acesso a transporte coletivo.

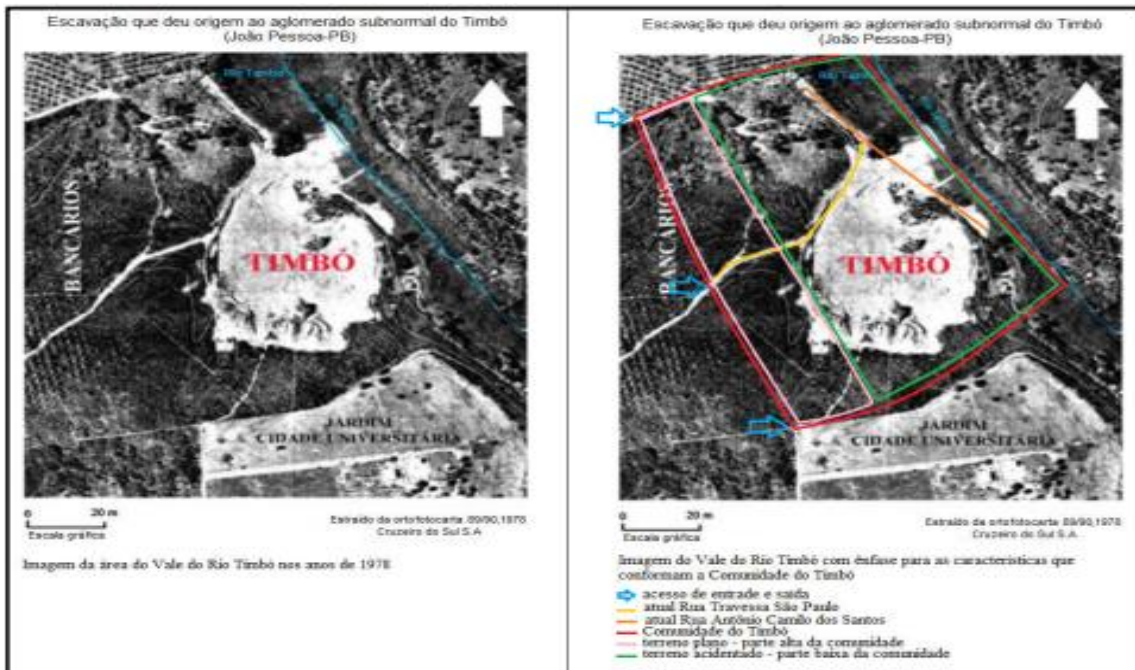
A zona sul, portanto, é criada como uma área periférica em um momento de déficit habitacional fomentado pela crescente chegada de migrantes para a capital, advindos principalmente do interior do estado. É nesse período de crescimento da cidade e busca por amenizar a carência de habitações que a zona sul surge e, nela, a ocupação do Vale do Rio Timbó. Inicialmente como ponto de apoio aos trabalhadores da construção civil, oferecendo um dormitório temporário e improvisado aos que não possuíam residência fixa e evitando deslocamentos na cidade, e como área de extração de saibro para a edificação dos conjuntos habitacionais dos Bancários – funcionários da Caixa Econômica – e dos Professores – funcionários da UFPB –, que posteriormente se consolidam como o bairro dos Bancários<sup>4</sup>.

**Figura 1:** Vale do Rio Timbó no final dos anos de 1970, com uma cratera aberta pela retirada de matéria prima para a construção de conjuntos habitacionais na zona sul.

---

<sup>4</sup> No ano de 1998, mediante a implantação do projeto de Lei nº 1574, os conjuntos habitacionais da cidade de João Pessoa passaram a categoria de bairros.





**Fonte:** Ortofotocarta 89/90, 1978, Cruzeiro do Sul S. A., em Maria Auxiliadora Dantas (2003). Modificado por Williane Pontes em 2019.

A área ocupada do Vale se localiza dentro dos limites do bairro dos Bancários e esse primeiro uso do terreno estava em acordo com os interesses do projeto de planejamento urbano, sendo fundamental na configuração estrutural devido a saliente cratera aberta, que produz duas encostas responsáveis por delinear o terreno em duas partes, uma plana, acima das encostas, e uma acidentada, abaixo das encostas. O ponto de apoio aos trabalhadores era composto de barracas erguidas na parte baixa, próximo a cratera e ao Rio Timbó, facilitando o uso de água para consumo e trabalho.

Nesse período foram abertas a três vias de acesso à área, que posteriormente se tornaram ruas, e a intervenção no terreno não levantava preocupações à administração pública da cidade por estar servindo aos interesses do planejamento urbano, com o uso do para retirar matéria prima da construção civil e para otimizar o tempo de trabalho. Mas com essa ocupação outra vai surgindo, ainda em fins de 1970, na parte de cima do terreno, com lotes sendo informalmente delimitados e casas em taipa ou barracos de madeira construídos por habitantes comuns, que não estão ligados as obras em andamento. Com eles, serviços aos trabalhadores e demais empregados nas obras foram surgindo, como a venda de itens de alimentação e higiene, de comida caseira, de lavagem de roupa e de entretenimento, com um bar.

Essa segunda ocupação em emergência perdura após a finalização do conjunto habitacional do bairro dos Bancários, com a retirada das máquinas, dos pontos de apoio

e dos trabalhadores do Vale do Rio Timbó. Mas alguns decidem permanecer no local pela falta de moradia na cidade, reconstruindo os barracos para residir sozinho ou com a família, empreendendo o início de um momento da ocupação que passa a enfrentar a resistência da PMJP, no início dos anos de 1980. A maioria dos barracos erguidos se situavam na parte baixa, principalmente nas proximidades ao rio, que tinha uma importante função no auxílio a água potável para consumo humano e animal.

Os trabalhadores e os outros residentes já estabelecidos na área são quem executam a ocupação que passa a ser vista como irregular, extrapolando a lógica da cidade planejada e ordenada, que estava em experimentação. Novos sujeitos crescem nessa ocupação, na busca pela casa própria para se estabelecer na cidade, habitando as margens pela impossibilidade de financiar uma unidade nos conjuntos habitacionais em construção. O Vale, assim, é apoderado por sujeitos pobres que residiam na capital através de aluguel, ou estão refazendo a vida ou, majoritariamente, que recém migraram do interior em busca de melhores condições de vida ou de tratamento para enfermidade.

Esses sujeitos que vão habitando o Vale precisam lidar com as ações da PMJP em busca de frear e desencorajar a ocupação, empenhando rotineiras demolições dos barracos erguidos com o uso de máquinas e a presença de policiais, como informa o Censo 2015-2016 da Associação de Moradores do Vale do Timbó (ACMVT) e relembra Dona Ivete, a moradora mais antiga com a qual mantive relação de interlocução. A narrativa dos antigos moradores que acompanharam o processo de ocupação e consolidação do Vale em comunidade se assemelham, apesar das singularidades de cada história de vida, compondo um mosaico desse processo de desenvolvimento do Timbó que permite algumas generalizações pela impossibilidade de explorar as narrativas dos interlocutores aqui. Assim, sigo com Dona Ivete para situar esse decurso e indicar a constituição da Comunidade do Timbó.

Conheci Dona Ivete por intermédio de Laura, outra interlocutora que auxiliou minha entrada e contato inicial com os moradores, ela chegou na comunidade em 1981 após a falência do estabelecimento comercial que mantinham no centro da cidade, onde também residia com a família – o então marido e dois filhos. A venda da casa, do carro e demais bens para quitar a dívida levou a família e buscar uma nova moradia para permanecer na cidade e refazer a vida, foi quando uma prima repassou a informação de uma recente ocupação iniciada na zona sul, onde estava residindo, e buscando dar aos

filhos um “teto”, Dona Ivete organizou a partida com a família para o local e ao chegar no Vale enfrentou as ações da PMJP.

A prima auxiliou a chegada e um lote vizinho ao dela foi ocupado por Dona Ivete, ambas na parte baixa. O intermédio de amigos ou parentes para a vinda e o estabelecimento no Vale foi crucial e comum na narrativa dos interlocutores, esse auxílio pode ser lido como o exercício de uma rede homofílica (Marques e Bichir, 2011), que se baseia no localismo e na proximidade para a manutenção de relações de reciprocidade, de proximidade e de amizade. A colaboração ocorre com a informação e a assistência para ocupar um pedaço do terreno, erguer um barraco em madeira e fortalecer a ocupação, são trocas relacionais iniciadas entre sujeitos próximos, que partilham de uma rede de trocas relacionais com vínculos estreitos e duradouros, mas que também insere novos sujeitos nessas relações, sendo fundamentais porque também permearam as estratégias para enfrentamento das ações do PMJP.

“Era sofrido demais... [mas] foi com a ajuda de todos que conseguimos ficar”, conta Dona Ivete ao relembrar as constantes saídas do barraco segurando as duas crianças de colo para que as máquinas pudessem derrubar a construção, passando por cima do que estava erguido. Eram poucos os que enfrentavam os agentes e se opunham diretamente a derrubada, a maioria saía das barracas e assistia as ações sem grandes discussões pelo medo da situação de agravar em prisões ou mortes. Optou-se pelo enfrentamento sem conflitos diretos, após as ações os moradores limpavam seus terrenos loteados, recolocavam as estacas de delimitação e aos poucos reerguiam as barracas com a ajuda dos vizinhos.

A presença periódica e não cotidiana dos agentes públicos para efetuar as ações de demolições dos barracos colaborava para o fortalecimento da estratégia de enfrentamento empreendida pelos moradores, consolidando relações de ajuda mútua e, conseqüentemente, produzindo um vínculo de vizinhança e luta pelo local de moradia. O enfrentamento com a administração pública da cidade perdura até 1983, quando uma nova abordagem é empenhada para com a ocupação do Vale, com o início do governo estadual de Wilson Braga e a realização de políticas para a consolidação e melhorias das ocupações com os mutirões, por exemplo, e a assistência social.

Período em que a ocupação deixa de ser considerada irregular e se consolida como Comunidade do Timbó, levando o nome do rio. Dona Ivete lembra como a paisagem foi rapidamente se modificando com o fim das ações de enfrentamento, com os barracos

dando espaço as casas de taipa, os loteamentos afastados se tornando cada vez mais próximos e o número de moradores aumentando consideravelmente, principalmente com a instalação de serviços básicos como a água (1987) e a energia elétrica (1988/1999). Um esboço da urbanização da comunidade vai se desenhando, com ruas sem ordenamento, seguindo o traçado deixado pela construção das casas, sem pavimentação e saneamento básico e com área de risco ambiental pela proximidade de habitações das encostas e da margem do rio.

As imagens da carência urbana e do risco ambiental são veiculadas nos jornais locais ao abordar a comunidade em produção, contribuindo para deixá-la a margem da cidade também no imaginário social, principalmente com os corriqueiros casos de violência e criminalidade noticiados em torno do Timbó. Junto a uma configuração urbana também se fabrica um arcabouço emotivo, o espaço antes ermo é transformado em lugar de moradia a partir de onde se construiu uma vinculação com o local e entre os sujeitos com quem o compartilha. As estratégias de enfrentamento fomentaram a aproximação entre os moradores e, posteriormente, a chegada mediada por redes homofílicas proporcionou a inserção de novos moradores nas trocas relacionais em manutenção, na rede de vizinhança.

Uma forma de sociabilidade é criada e exercida com base na bagagem emotiva dos sujeitos que se tornam moradores da Comunidade do Timbó, majoritariamente de origem interiorana com experiências relacionais de intensa pessoalidade. O conhecimento mútuo e as relações de vínculos estreitos e duradouros são os elementos que configuram o cotidiano em fabricação, elementos estes que caracterizam a personalidade, a condição contínua de pessoa, sem espaço para o anonimato. Os moradores passam a ser situados em uma rede de informações que o localiza espacialmente na comunidade, bem como em relação a seus familiares – de quem é filho/filha, marido/esposa, tio/tia, avô/avó e assim se segue –, aos negócios – estabelecimento comerciais geralmente são referidos pelo dono e não pelo nome do negócio –, a profissão que desempenha e ao apelido.

Os filhos mais novos e solteiros de Dona Ivete são referenciados pela sua figura, não é o Carlos ou a Flávia, mas o Carlinhos ou a Flávia da Ivete, somando o apelido, em alguns casos. Esse conhecimento mútuo entre os moradores é gestado continuamente e resultado da reprodução da bagagem de vínculos afetivos estreitos, dando sentidos aos contornos das calçadas onde se encontram com os vizinhos e amigos, das ruas onde as crianças brincam e se acompanha o trânsito de pessoas, dos bares onde se reúnem para

diversão, das ladeiras que são subidas e descidas corriqueiramente e a partir de onde é possível contemplar um panorama da comunidade.

Os espaços ganham sentido, uma vinculação afetiva moldada pela relação cotidiana, pela dimensão do vivido. O lugar surge nesse processo, em se sentir parte de um local a partir de onde compreende a si mesmo e ao outro, onde habita e vivencia a cidade, é um movimento de envolvimento com o mundo que se baseia na produção de raízes e de segurança (Relph, 1979 apud Leite, 1998, p. 10) que moldam um espaço em um ambiente inteiramente familiar. O lugar em construção expressa a fabricação de projetos individuais e coletivos que são empreendidos pelos moradores na busca de melhorias condições de habitação, que apenas é alcançada mediante uma luta por direito à cidade.

A urbanização da comunidade do Timbó, por exemplo, é resultado dessa luta que nasce da organização e mobilização interna para resolução dos problemas sanitários e na infraestrutura, bem como das áreas de risco ambiental que periodicamente estampa as matérias dos jornais locais devido ao alagamento de casas nas margens do rio ou risco de desmoronamento e soterramento de casas nas proximidades das encostas. É uma luta antiga que ganha força em 2010, com a criação de uma campanha que é produzida também no âmbito digital, com a veiculação de imagens das ruas sem pavimentação e saneamento básico, das áreas de risco e da precariedade de algumas residências, pressionando a PMJP por meio de um blog nutrido por um padre em exercício na capela local, por um perfil na antiga rede social chamada Twitter – atualmente X – e pela presença em reuniões do Orçamento Democrático.

É a primeira grande campanha empreendida nos âmbitos do presencial e do digital, de modo a alcançar o maior número possível de sujeitos que possam conhecer as condições da comunidade e contribuir para sua modificação. A pressão à PMJP é complementada com a busca de apoio junto da mídia tradicional, como os canais de televisão e jornais impressos e digitais que pudessem escrever sobre a campanha. O digital foi, inclusive, um recurso que possibilitou o registro e arquivamento desse agenciamento comunitário, disponibilizando um acervo de imagens do processo de transformação urbana do Timbó, das queixas, da negociação, do que era e passou a ser, em aspectos de infraestrutura, após a conclusão das obras.

Assim como a urbanização, as demais obras de melhoria urbana realizadas na comunidade resultam de uma organização e mobilização dos moradores, sendo fruto de

pressões internas por equipamentos e serviços públicos de qualidade para experienciar uma vida minimamente digna. As relações de pessoalidade exercidas entre os moradores contribuem a busca por mobilização comunitária, especialmente das gerações mais jovens, que acionam o digital não somente para agenciar em todo de campanhas coletivas, mas para tecer reflexões, reclamações e divulgações de situações cotidianas que necessitam de resolução ou de parabenização. As redes sociais, principalmente o Instagram, são assimiladas no modo de viver o Timbó e, conseqüentemente, de produzir sentidos sobre o lugar.

### **A produção de sentidos sobre o lugar**

As redes sociais são amplamente utilizadas na forma de sociabilidade da comunidade, especialmente o WhatsApp, que fomenta a troca de mensagens individuais ou coletivas – nos grupos –, complementando a rede de informações fluida das relações de pessoalidade. O “boca a boca”, que costuma funcionar e ser um elemento fundamental do cotidiano dos moradores, é ampliado com o “zap”, como Dona Ivete chama, que auxilia no conhecimento sobre as atividades religiosas que participa, o acontecimento de uma festa na comunidade, manter o contato com os filhos quando não estão em casa, conversas com as amigas que não podem mais andar pelas ruas por problemas de locomoção, saber do que se sucede no local e fofocar.

As conversas nas calçadas não perdem importância, são complementadas com o uso do celular para mandar ou receber um áudio pelo zap, fazer um registro da rua e postar no Facebook ou no Instagram. O contato com os interlocutores, inclusive, se manteve também pelo WhatsApp e o Instagram, mas esse último é particularmente interessante para pensar a produção de sentidos sobre o lugar, visto a ocorrência de perfis públicos que pretendem representar coletividades, veiculando imagens em torno do Timbó que contribuem para a elaboração de um imaginário, um modo de representar a comunidade sob a ótica dos grupos de moradores, de suas práticas e narrativas.

Considero que o digital emerge como mais um campo para disputas e negociações em torno do Timbó e esses perfis públicos vinculados à comunidade apresentam uma forma de autorrepresentação dos moradores, em sua maioria jovens que agenciam na busca de “mostrar o lado que a mídia não mostra”, como indica o principal perfil e de uso mais frequente, aqui denominado de *Nosso Timbó*. O uso de um pronome possessivo para se referir a comunidade é imperativo em apresentar um Timbó dos moradores, construído

de dentro, nosso, não deles, dos de fora que geralmente se referem ao lugar com sentidos negativos que estigmatizam e estereotipam os moradores. Quais são, então, os sentidos acionados para representar o lugar de moradia e pertencimento? Como a assimilação do digital contribui para um modo de fazer o lugar Timbó?

Os perfis a partir de onde a reflexão é embasada são de acesso público, qualquer usuário pode visualizar e interagir com o conteúdo produzido e veiculado, sendo contas que apreendem diversos grupos de moradores, desde o futebol amador, a disputa de danças, a batalha de rimas, os projetos sociais, as atividades religiosas e o mais geral, o *Nosso Timbó*, que visa representar a comunidade de modo amplo, corriqueiramente divulgando as ações dos demais grupos. Por esse motivo, o *Nosso Timbó*, que possui atualmente mais de 3.900 seguidores e 207publicações<sup>5</sup>, será mobilizado aqui como principal perfil, tecendo um balanço do seu conteúdo para aspirar os sentidos sobre a comunidade.

Em conversa com uma antiga administradora da conta e também interlocutora da pesquisa, Isabela, uma jovem moradora de 22 anos, conta que o perfil surge de uma ideia compartilhada e discutida em um grupo de três jovens que configuram um projeto de lugar a ser veiculado nas plataformas digitais, trazendo uma perspectiva de dentro, daqueles que moram e fazem a Comunidade do Timbó, que a vivencia cotidianamente e experimenta a cidade a partir dela. Nesse processo de constituição e prática do lugar, os membros elaboram individualidades e atualizam cotidianamente os códigos morais-emotivos compartilhados e vivenciados.

O conteúdo compartilhado no perfil leva a consideração inicial de 04 categorias: a solidariedade, o lazer, a arte e a cidadania, que apresentam um conjunto de práticas na e da comunidade. Não são categoria engessadas, estão interconectadas e perpassam umas às outras, mas sua sistematização contribui para identificar quais elementos são acionados na representação do Timbó. Distribuição de cestas básicas, kits de proteção a Covid-19, kits escolares, ações sociais de sopões e corte de cabelo, queixas pela má qualidade de serviços públicos como a coleta de lixo, imagens das ruas em períodos do dia, a paisagem panorâmica da parte baixa da comunidade, os jogos da copa de futebol amador do Timbó

---

<sup>5</sup> Dados conferidos em 09 de julho de 2024, podendo ser alterados para mais ou para menos devido a dinâmica de ganhos ou perdas de seguidores e publicação ou arquivamento de postagens.

e a divulgação dos estabelecimentos comerciais locais constituem o mural de publicações – o feed.

As publicações temporárias, por sua vez, são mais frequentes que as postagens no mural e apresentam o conteúdo criado por outros moradores da comunidade que marcam a página para veicular seus negócios ou registros das situações cotidianas. Crianças brincando na rua, vias limpas e pavimentadas, muros grafitados com frases de boas-vindas e figuras de animais, intervenções artísticas urbanas empreendidas pelos próprios moradores, com a pintura da calçada da ladeira principal com desenhos, poesias e frases motivacionais ou de orgulho da cor preta na pele, além de placas para localizar as ruas compõem o cenário de ressignificação do Timbó, aqui “tem arte e cultura, tem sonhos”, enfatiza as letras garrafais e coloridas na placa em uma das entradas.

A arte é uma constante nesse perfil e nos demais acompanhados, buscando fortalecer o vínculo de pertencimento ao enfatizar “o que tem de bom”, “uma forma diferente” de apresentar a Comunidade do Timbó por se basear naquilo que os moradores consideram característico do lugar: suas ruas, suas paisagens e seus moradores, que também são artistas e trabalhadores, considerando as divulgações do comércio local. Estimular a pertença é lidar, contudo, com ambivalência própria desse sentimento, permeado pelo gostar e o desgostar, ressaltando os aspectos positivos e, ao mesmo tempo, lidando com os elementos que consideram negativos, expressando os conflitos e as tensões presentes no viver o lugar.

A arte é um elemento amplamente aceito e apreendido como importante para retratar o Timbó, assim como o exercício da cidadania. Quando não há um compromisso em trabalhar pela cidade como um todo, fornecendo as mesmas condições de urbanidade para possibilitar um vivência comum de direito à cidade, já que são construídos espaços nobres e periféricos como parte de um projeto de planejamento urbano baseado na lógica capitalista de valorização imobiliária, emergem os bairros e comunidades invisibilizadas e precárias, existindo a margem. Nessas circunstâncias o exercício da cidadania é invisibilizado, sendo preciso criar estratégias para o engajamento e a mobilização comunitária, é o que aconteceu com os moradores do Timbó, que precisam constantemente se organizarem para buscar melhorias para o lugar.

Comentar as situações problemáticas com os amigos e vizinhos e realizar denúncias nas redes sociais são formas de estimular o engajamento, ligar para os órgãos responsáveis expondo as reclamações, se organizar coletivamente para pressionar por



soluções das demandas e veicular as queixas para conseguir o maior alcance possível são algumas maneiras de mobilização para reivindicar os direitos de melhores condições de moradia e vivência da cidade. São iniciativas que ocorrem presencial e digitalmente, acessando os locais e os de fora da comunidade, pressionando resoluções nos diversos âmbitos. Foi assim que a queixa em relação ao acúmulo de lixo nas ruas da comunidade ganha contornos no perfil, com três publicações seguidas expondo calçadas repletas de sacos de lixo devido à falta de coleta.

Direitos e deveres são mencionados, como a necessidade de manutenção da coleta de lixo na comunidade mesmo no período de quarentena devido a pandemia do novo coronavírus e a cuidado com o descarte correto do lixo, depositando os sacos plásticos e demais materiais no local indicado e nos dias de coleta. A via de mão dupla no cuidado com o lugar é apontada, mas para isso é preciso a regularidade do serviço de coleta, o compromisso da PMJP com a limpeza da comunidade. Ligações para a empresa responsável pela coleta, menções aos canais de televisão e a prefeitura nas denúncias via Instagram, bem como acionamento do líder comunitário, expondo as imagens como forma de escancarar o problema, são caminhos criados para buscar condições sanitárias seguras aos moradores.

Esse engajamento perpassa gerações, mas se apresentam de forma mais visível nos jovens presentes nos perfis vinculados a comunidade, o principal deles é o *Nosso Timbó*, com uso frequente pelos administrados e acionado com constância pelos moradores para ampliar o alcance as queixas e denúncias, bem como aos demais registros sobre o lugar, sendo o perfil com maior número de seguidores. Mas, cabe recordar, há um trabalho de estímulo para a participação comunitária, seja na produção e divulgação de sentidos positivos ou na contribuição para reivindicar solução de problemas.

Os moradores da Comunidade do Timbó, principalmente os jovens, elaboram as estratégias para exercer sua cidadania, com o âmbito digital sendo bastante utilizado nesse processo de ampliar a mobilização comunitária, podendo acessar contextos além do Timbó. Para conseguir o básico, como direito a um local de moradia, serviços de abastecimento de água e energia, urbanização e resolução dos problemas com as áreas de risco ambiental, o engajamento dos moradores foi primordial e continua sendo. Como mencionaram os jovens, o atual contexto é fruto da luta dos moradores e novas melhorias provavelmente necessitam de um engajamento continuado devido a invisibilidade dos espaços periféricos para a administração pública da cidade.

## **Considerações Finais**

O Timbó é uma comunidade periférica consolidada nos anos de 1980, fruto de um processo de ocupação, considerado irregular pela PMJP, de um espaço vazio deixado de lado pelo projeto de planejamento urbano que estava em voga, sendo ocupado por uma pobreza sem casa, composta de homens comuns pobres, para a construção de moradia para se estabelecer na cidade. A construção de um lugar Timbó, assim, é um processo contínuo que colocam representações em tensão, contrastando imaginários negativo e positivos em constante negociações e disputas na produção de sentidos sobre o lugar.

O lugar é entendido enquanto produto das experiências afetivas, das trocas simbólicas, das relações cotidianas, da construção contínua de pertencimento, projetos e fronteiras relacionais. A construção de imaginários sobre um lugar, portanto, é permeada por essas modulações, sendo construída e apresentada nas plataformas digitais, mas que é resultado de uma interconexão entre o digital e o presencial, uma vez que ambos os âmbitos se complementam nessa produção e analisados separados nos afasta dos elementos corriqueiros das relações cotidianas, como as tensões latentes, que são identificadas nas redes sociais apenas quando são expostas pelos usuários ou quando comparando o conteúdo entre as plataformas.

É a perspectiva de dentro que configura o conjunto de publicações nos perfis vinculados a comunidade, com conteúdo produzido por moradores e frequentadores que abordam uma outra perspectiva do Timbó, contrastando com o que a mídia geralmente veicula sobre o lugar. Casos de risco ambiental, de vulnerabilidade social, principalmente de violência urbana e de criminalidade compõem as matérias dos jornais locais, sejam os televisivos ou os digitais, constatando tal circunstância em uma busca na plataforma Google sobre o Timbó, bem como na bibliografia acadêmica acerca da comunidade. Ao apresentar o nosso Timbó, busca-se divergir do imaginário negativo construído sobre o lugar.

Ao enfatizar sentidos que fogem do aspecto da carência, os moradores trabalham o sentimento de pertencimento ao lugar, produzindo e veiculando os sentidos que consideram importantes para representar a comunidade. Apresenta aos de dentro e aos de fora formas de perceber e viver na comunidade, de experienciar e fazer a cidade, de lutar por condições dignas de vida nos espaços periféricos e invisibilizados, deliberadamente esquecido pela administração pública da cidade. Assim, além de contribuir para configurar o sentimento de pertença, o âmbito digital também é assimilado como modo de organização e mobilização

comunitária para o exercício da cidadania, para a busca por concretização dos direitos e a advertência para os deveres esperados pelos moradores para o cuidado interno com o lugar de moradia e compartilhamento.

## Referências

ACMVT – Associação Comunitária dos Moradores do Vale do Timbó. *Contextualizando a Comunidade do Timbó (Censo 2015-2016)*. João Pessoa, 74f, 2016.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade*. Lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora Terceiro Nome. 2011.

ARAÚJO, Mateus Augusto de. *O urbano na produção da favela do Timbó – João Pessoa: Regularizar os espaços para valorizar a cidade*. 118f. Dissertação (Mestrado) Curso de Geografia, USP, São Paulo, 2014.

DANTAS, Maria Auxiliadora Clemente. *A comunidade do Timbó \*João Pessoa-PB): análise sócio-ambiental e qualidade de vida*. Dissertação (Mestrado) Curso de Gestão e Políticas Ambientais, UFPE, Recife, 2003.

DIEB, Marília de Azevedo; MARTINS, Paula Dieb. O Rio Jaguaribe e a história urbana de João Pessoa/Pb: da harmonia ao conflito. In: XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, São Paulo, 2017. *Anais do XVII ENANPUR*, pp. 1-22, 2017.

HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. *Cadernos de Campo*, v. 29, n. 2, pp. 1-42, 2020.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O local enquanto elemento intrínseco da pesquisa. In: LEITÃO, Cláudia (Org.). *Gestão Cultural – significados e dilemas na contemporaneidade*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Os homens comuns pobres na expansão do núcleo urbano de João Pessoa, PB: a periferização da cidade. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v. 2, n. 5, pp. 15-28, 2018.

LAVIERI, João Roberto; LAVIERI, Maria Beatriz Ferreira. *Evolução da estrutura urbana recente de João Pessoa – 1960/1986*. Textos UFPB/NDIHR, n. 29, pp. 01-67, 1992.

NEGRÃO, A. G. et al. A produção da cidade: combinações e conflitos no setor sudeste de João Pessoa/PB. In: 7º Congresso Luso Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável: Contrastes, Contradições e Complexidades, Maceió - AL, 05 a 07 de outubro de 2016. *Anais do 7º Pluris*, pp. 1-12, 2016.

- PITA, Ana Luiza Lima Rodrigues. *Segregação urbana e organização socioespacial: Um estudo da Comunidade do Timbó, em João Pessoa – PB*. Dissertação (Mestrado) Curso de Arquitetura e Urbanismo, UFPB, João Pessoa, 2012.
- PONTES, Williane Juvêncio. *Emoções e Sociabilidade Urbana: Uma etnografia sobre a Comunidade do Timbó, João Pessoa-PB*. Dissertação (Mestrado) Curso de Antropologia, UFPB, João Pessoa, 2020.
- PONTES, Williane Juvêncio. *Transformando o espaço em lugar: Uma etnografia sobre a Comunidade do Timbó*. João Pessoa: Editora GREM-GREI, 2021.
- PONTES, Williane Juvêncio; SOUZA, Raissa Taimilles Valério Paiva de; FORMAS DE FAZER CIDADE: Interconexões entre o presencial e o digital. *Illuminuras*, v. 23, n. 63, pp. 172-191, 2022.
- SILVA, Milena Dutra da, et al. 2015. Crescimento da mancha urbana na cidade de João Pessoa, PB. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, v. 22, n. 30, a. 2, pp. 65-83.
- SOARES, Cristiane Leal Rodrigues. *A violência da segregação. Uma etnografia da Comunidade do Timbó localizada no bairro de Bancários em João Pessoa/PB*. 136f. Dissertação (Mestrado) Curso de Sociologia, UFPB, João Pessoa, 2009.
- WAQUANT, Loïc. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras do Porto*, v. 16, 2017.